

## **TRADUZIR O MUNDO VIVIDO: SOBRE CONHECIMENTO E LINGUAGEM NA “METAFÍSICA DA LINGUAGEM” DE WALTER BENJAMIN**

Ricardo Lavalhos Dal Forno<sup>1</sup>

**RESUMO:** No seu artigo “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”, Walter Benjamin compreende a linguagem como a condição de possibilidade para conhecermos os objetos. Isso acontece porque nosso acesso ao mundo só se dá via sentido e não há experiência e conhecimento que não seja mediado por ele. Não chegamos, portanto, às coisas porque elas são objetos puros, mas chegamos às coisas porque elas são percebidas em seu sentido. Assim não conhecemos através de dados brutos. Nossa relação com as coisas do mundo não é uma relação meramente física, pois as coisas estão envolvidas por uma significação. Com isso se quer exprimir certa maneira de aceder ao objeto do conhecimento. E isso implica que a percepção do objeto não resulta apenas do encanto das nossas sensações, conforme sua natureza psicofisiológica e que o nosso mundo humano não se reduz ao mundo natural. Ocupa-se, portanto, aqui em dizer algo que não o empírico dito pelas ciências naturais. Pensa-se naquilo que permite que se conheça algo. Esse é um pensar que se desvia dos objetos para pensar a condição de possibilidade do conhecer os objetos.

### **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho tomaremos como o centro das reflexões o mais importante texto de Walter Benjamin sobre a questão da linguagem: o texto “Sobre a linguagem humana e a linguagem em geral”. Com ele, pretendemos mostrar que a nossa relação com as coisas do mundo não é uma relação solitária, cega e muda. Um sentido recobre o sensível, se articula e se pronuncia nele. Ver algo é entrar numa relação na linguagem com seres que se mostram significativamente. Com isso queremos exprimir certa maneira de aceder ao objeto mesmo quando se trata do fenômeno do conhecimento.

Não se trata, portanto, tanto da existência do objeto em si mesma, mas sim do sentido estrutural, do arranjo significativo que ele se veste no mundo. Isso implica que o sentido do percebido não resulta apenas do encanto das nossas sensações, conforme sua natureza

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pela Unijuí. Mestrando em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: ricardo.forno@unijui.edu.br

psicofisiológica, pois ele é mais do que um acontecimento psicofisiológico. O ver o mundo, as coisas do mundo, como será mostrado, não é uma simples recepção de uma qualidade pelos nossos órgãos dos sentidos até nossos centros nervosos, que assim projetariam o mundo exterior. Quando caminho pelo meu apartamento, não vejo as coisas em todos os diferentes aspectos que elas se oferecem, no entanto há um sentido que permite que eu me oriente com segurança pelo meu apartamento, sem me chocar com as coisas ou me ferir batendo em algo. Há, portanto, um sentido anterior que torna o mundo familiar para nós e que permite que nos orientemos nele sem maiores dificuldades. E Isso implica que as coisas, para o nosso lidar, não são apenas entes ou objetos puros, pois há uma forma de existência indicada por esse sensível, que forma uma coexistência na linguagem entre o homem e as coisas. Portanto, nossa percepção não é apenas fornecedora de dados empíricos, e nem nós somos apenas predadores de dados empíricos.

Pegamos um ônibus, chamamos o nosso cachorro, olhamos para as estrelas, sem maiores problemas. Há, portanto, um modo prático de ser no mundo que sempre faz com que estejamos familiarizados com as coisas que nos rodeiam. Todas as nossas impressões são carregadas de linguagem. A metafísica da linguagem das coisas é o começo do pensar sobre esse sentido que torna o nosso mundo familiar e que permite que se falemos das coisas. Quando falarmos aqui de uma linguagem das coisas, também estaremos falando, na filosofia, contra o assim chamado “mundo natural”. Vemos a linguagem é como o momento estrutural da abertura das coisas do mundo ao homem, que, assim, não se dariam apenas de uma forma “natural”.

Uma visão apenas empirista, que define o que percebemos apenas por propriedades físicas e químicas dos estímulos que agem no nosso aparelho sensorial, exclui da percepção (e perceber para Benjamin perceber é ler) a tristeza que, todavia, vemos em um rosto, a cidade cujo sentido conhecemos em suas ruas e em seus monumentos, ou o olhar zangado que reconhecemos em alguém. Ver significa sempre ver significados. Uma experiência empobrecida, apenas empirista, torna-se pura operação de conhecimento objetivo, um registro progressivo de fatos do sujeito que percebe, mas não dá conta da questão que aqui queremos colocar. Nessa posição naturalista é preciso tomar o caminho exterior, o caminho da física e da química. Para ela, todos os discursos metafísicos não passariam de romantismos e mitologias sem sentido. Assim o mundo objetivo e natural é tomado como o universo de tudo o que existe. A questão é que o modo de ser daquele ser (o homem) que faz ciência não tem seu lugar em nenhuma ciência objetiva e nem pode por elas ser explicado. O fundamento

permanente de nosso trabalho mental, seja na filosofia ou nas ciências naturais, é a linguagem que veste o mundo circundante.

Muitas vezes, na filosofia, os filósofos descreveram a experiência de um sujeito como estados e maneiras de ser de sua consciência, como coisas mentais de um sujeito abstrato. Faziam isso como quem descreve as a vegetação e as flores de um país distante, sem se incluírem na própria descrição, sem se darem conta que eles mesmos são sujeitos que experimentam. Esquecem, assim, daquela experiência originária que falseia tudo aquilo que eles dizem sobre a experiência subjetiva. Por isso se faz necessária essa volta a uma maneira de existir que é anterior ao conhecimento objetivo. As ciências naturais objetivas competentemente efetuam resultados, criam hipóteses, com a precisão que lhe é característica. Nada sobre seus métodos e sua técnica questionaremos. O que se diz é que já pressupomos uma dimensão fundamental prévia, que possui um caráter lingüístico, um ser lingüístico (*spraliche Wesen*). O objetivismo, problematizado por Benjamin, surge justamente de uma atitude apenas naturalista com o mundo circundante. Mas não pode haver uma ciência objetiva sobre esse espaço que queremos abrir com a reflexão sobre a linguagem. Por isso ela é uma questão metafísica. É por ir além do que objetivamente dado, para além do naturalismo, que falamos de uma “metafísica da linguagem”<sup>2</sup>.

## **PERCEBER É LER**

Quando Benjamin desenvolve sua teoria da linguagem, ele está colocando as questões do conhecimento através da descrição de uma unidade de onde as questões surgem. Essa unidade é a linguagem, o universo de sentido dentro do qual sujeito e objeto são postos. A nossa relação com as coisas no mundo, portanto, somente acontece assim como acontece porque imerge em uma unidade de sentido. Em Benjamin temos a própria linguagem como questão (e não os objetos do mundo empírico) e como o caminho pelo qual se realiza a atividade filosófica. Ele não se remete a elementos empíricos, contrariamente a ciência, pois, quando se fala de linguagem, trata-se justamente de falar sobre o mundo em que estão contidos estes elementos empíricos.

No primeiro parágrafo de seu texto, Benjamin diz:

Toda manifestação da vida espiritual humana pode ser concebida como uma espécie de linguagem, e essa concepção leva, em toda parte, á maneira de verdadeiro método, a novos questionamentos. [...]. Nesse contexto a língua,

---

<sup>2</sup> Tirem a metafísica da filosofia e não sobrar  mais do que terra, água e ar (fatos empíricos).

ou a linguagem, significa o princípio que se volta para a comunicação de conteúdos espirituais [...]. Resumindo: toda comunicação de conteúdos espirituais é língua, linguagem, sendo a comunicação pela palavra apenas um caso particular [...]. (BENJAMIN, 2011, p.50).<sup>3</sup>

Benjamin, então, estende a existência da linguagem não apenas a todos os domínios da vida humana, mas à absolutamente tudo. “Não há evento ou coisa, tanto na natureza animada, quanto na inanimada, que não tenha de alguma maneira, participação na linguagem, pois é essencial a tudo comunicar seu conteúdo espiritual” (BENJAMIN, 2011, p.51). Mas com isso não tratamos apenas das linguagens dentro do mundo, mas sim que a linguagem acaba sendo o mundo sobre o qual falamos. O acesso ao mundo só se dá via sentido, significado, e não há experiência e conhecimento que não seja mediado pela linguagem. Nosso acesso aos objetos, assim, nunca se dá de forma direta, mas só se dá via significado, ou seja: só podemos identificar os objetos na linguagem.

Assim nossa percepção é como se fosse uma leitura, como se incessantemente o homem lesse e soletrasse o livro do mundo vivido. O exemplo usado por Benjamin é o seguinte:

A linguagem dessa lâmpada, por exemplo, não comunica a lâmpada (pois a essência espiritual da lâmpada, na medida em que é comunicável, não é em absoluto a própria lâmpada), mas a lâmpada linguagem, a lâmpada na expressão. Pois na linguagem é assim: a essência linguística das coisas é a sua linguagem (BENJAMIN, 2011, p.53).

O que percebemos ao olhar para uma lâmpada, não é a lâmpada-ente, mas a lâmpada-linguagem, isto é, aquilo que a lâmpada comunica na sua linguagem. Ou seja, não se trata do objeto, mas sim da forma como que este objeto “comunica-se”, como ele se dá no mundo. O que Benjamin quer expressar é que a percepção de algo só é possível se primeiro esse algo se mostra para nós, como um apelo, em meio ao nosso mundo da experiência. A coisa não nos é dada imediatamente, sem a mediação linguística, sem um sentido que a envolva. É enquanto linguagem que a coisa se mostra para nossa percepção aberta ao seu sentido.

Alguém poderia argumentar que a lâmpada não foi percebida imediatamente enquanto lâmpada. Nesse caso se diz que algo é percebido e associado a uma lâmpada. Então, o que se daria é a associação mental da percepção de um ente qualquer. Porém, com a metafísica da linguagem de Benjamin, entendemos “perceber” como “ler”, como “comunicar-se” através de uma experiência imediata. Temos essa comunicação que se dá por experiência direta. Não há

---

<sup>3</sup> A tradução que dispomos entendeu que o termo alemão *Sprache* pode ser traduzido por língua ou por linguagem dependendo de seu contexto. Nessa passagem citada os dois termos são utilizados para a tradução do termo.

aqui espaço para a distinção entre o percebido e o associado. Nossa percepção não ocorre em duas fases: perceber e associar. Não, não percebemos primeiro a lâmpada para então a representarmos mentalmente (depois ainda teríamos que ligar essa associação). A lâmpada se comunicava imediatamente para Benjamin enquanto lâmpada. Trata-se, portanto, de mantermos o sentido vivido imediatamente e assim percebido.

Portanto, quando falamos aqui desse sentido, não estamos falando de um conceito da neurofisiologia, pois ele aponta para um conteúdo que não são as nossas representações mentais. Esse sentido não pode ser extraído mesmo da mais refinada explicação da interação entre neurônios. O que é próprio da percepção humana não se reduz ao que é medido nas máquinas de medição do cérebro humano. O homem desde sempre já percebe enquanto homem, com uma identidade, com uma compreensão de si no mundo. E isso também implica que as nossas bases perceptivas não são iguais as bases perceptivas dos outros animais.

. Assim podemos, como fez Benjamin, falar de uma linguagem das coisas e da natureza. Há um sentido que devemos apreender quando percebemos. Na natureza viva, na estrutura de um cristal, nas marcas de uma floresta, numa flor que desabrocha e na ordem das estrelas, apreendemos uma configuração de sentido. Mesmo a pesquisa científica da natureza pressupõe uma percepção do sentido da coisa da natureza que se estuda, e que se pretende explicar. Não há explicação sem uma percepção anterior de sentido. Primeiro a coisa aparece significativamente para nós na nossa percepção, em que há uma identificação, e depois podemos explorá-la cientificamente sob vários aspectos de sua significatividade.

Temos aqui o exemplo posto por Benjamin da lâmpada que se mostra enquanto linguagem. A lâmpada fora da linguagem não é apenas invisível, mas é impensável. O objeto não existe em si e absolutamente. Há um significado pressuposto do objeto e só assim ele entra na nossa percepção. Benjamin não precisou construir a imagem da lâmpada na sua mente. Ela já estava diante dele e se mostrava. Não havia a necessidade de, através de categorias de seu entendimento ou da interação entre neurônios, reconstruir a aparência e a verdadeira forma do objeto “lâmpada” no seu intelecto: a conta já está prestada, isto é, o objeto já foi dado enquanto sentido de “lâmpada” no mundo. A lâmpada solicitou certa maneira de olhar. Assim como fazem a montanha, a raposa, o relógio. Numa passagem do livro “Rua de Mão única”, Benjamin escreveu:

Quem ama não se apega somente aos defeitos da amada, não somente aos tiques e as fraquezas de uma mulher; a ele rugas no rosto, manchas hepáticas, roupas gastas e um andar torto prendem muito mais duradoura e inexoravelmente que toda beleza. Há muito tempo se notou isso. E por quê? Se é verdadeira a teoria que diz que a sensação não se aninha na cabeça, que

não sentimos uma janela, uma nuvem, uma árvore no cérebro, mas sim naquele lugar onde a vemos, assim também no olhar para a amada, estamos fora de nós (1995, p.18).

As coisas não têm apenas uma significação vital, motora, mas um sentido que não é outra coisa que não certa maneira de estar no mundo. Então as coisas se propõem á quem percebe. Por isto as rugas no rosto da mulher que se ama significam muita mais que simples expressões decorrentes da contração muscular repetida ao longo dos anos. Aqui a percepção é colocada no percebido e não no nosso cérebro. Não há consideração interior a ser feita. Se os detalhes da mulher que é amada irradiam fora daquele que ama, se esses detalhes tem esse poder de encantamento mais forte que toda beleza, é porque o sujeito que os percebe não os coloca como coisas incomunicáveis, mas simpatiza com eles, recebe algo deles, recolhe seus sentidos, recebe aquilo que eles partilham.

Mas com isso não queremos dizer que o percebido seja uma invasão do sensível na mente daquele que percebe. Queremos dizer que aquele que experimenta e percebe não está face a face com o outro como duas coisas exteriores que não se comunicam. Quando se olha para um quadro ou uma pintura, não se vê apenas um amontoado de cores. Há um sentido (artístico) que se mostra. Nessa troca entre sujeito das sensações e o sensível não é o caso de ser um fato no qual um age e outro sofre. Sem a exploração do olho daquele que ama as rugas no rosto da amada não diriam nada. E, no entanto, esse que ama só vê o sentido que vê devido á uma solicitação externa. A atitude de apenas um dos lados não nos bastaria.

Quando se olha para uma nuvem, para uma janela, para uma árvore, não se tem a ideia interior do que são essas coisas, uma ideia que assim revelaria o segredo da nuvem, da janela e da árvore. Quando Benjamin diz que as coisas têm uma linguagem, e é essa linguagem que permite que o homem tenha acesso ao mundo, ele está dizendo que no mundo o homem não é apenas vítima de uma reação meramente fisiológica e natural quando percebe as coisas. Mas afirma que o homem é capaz de encontrar o sentido nas coisas que lhe cercam sem que tenha sido dada previamente uma operação mental constituinte.

Assim, um rosto, uma assinatura, uma montanha, deixam de serem simples dados visuais – que teriam que ser abarcados pela experiência interior (psicológica, fisiológica) humana – e tornam-se algo imediato como um conjunto de significações imanentes. Quando entramos numa sala, e olhamos rapidamente os objetos que nos cercam para podermos nos orientar entre eles, não cedemos ao aspecto instantâneo do mundo. Identificamos ali uma porta, lá a janela, mais adiante nossa mesa, e sabemos sem maiores problemas nos localizarmos no ambiente. E isso porque há uma significação do percebido que nos

familiariza nesse mundo. Essa relação de se estar familiarizado com o mundo não se esgota no natural e no material. Podemos compreender um objeto mesmo sem vermos e tocarmos todos os seus lados. Podemos estar familiarizado com o rosto de uma garota mesmo sem lembrarmos-nos da cor dos seus olhos.

Em seu aparecer lingüístico, portanto, é que se abre o sentido da coisa. Quando vemos uma lâmpada, um papel, um relógio, uma raposa, uma montanha, percebemos espontaneamente o que é e para que serve. Não é meramente a transposição de sentido de uma língua inferior para uma superior, da linguagem das coisas para a linguagem humana, como dizem alguns comentadores de Benjamin, pois é mais do que isto. É nosso modo-de-ser mais íntimo de nosso ser no nosso mundo que está em questão. Pensar em filosofia é também cuidar desse sentido anterior. Não chegamos às coisas porque as coisas são entes, mas chegamos nelas porque elas são compreendidas em seu sentido. As coisas no nosso mundo vivido não são qualquer coisa informe, elas se mostram e se abrem para nossa percepção enquanto algo.

Com isso, mostramos a ingenuidade que é, na filosofia, a crença num mundo natural, que determinaria o comportamento do ser humano. Na filosofia, só faz sentido falar em mundo quando ele é para o homem, quando as coisas se comunicam para o homem. O mundo para qual voltamos o olhar não é simplesmente o mundo natural com o qual lidamos, mas apresenta-se como sentido. Na metafísica da linguagem de Walter Benjamin, o mundo é desnaturalizado pelo sentido. Assim conseguimos nos afastar de uma batalha inútil e de antemão perdida contra as ciências do mundo natural, pois a filosofia pensa o âmbito significativo e não o mundo natural.

É importante destacar aqui que o pensar na filosofia, ao invés de concorrer contra as ciências, se abriu para um âmbito totalmente diferente, em que as coisas não são pensadas como objetos, mas sim como sentido. De forma alguma Benjamin estaria se opondo ou negando o rigor científico. O que ele quer é mostrar a dimensão fundamental em que as coisas se mostram ao homem no seu mundo vivido

É bom também deixar claro que Benjamin diz: “as línguas dos objetos são imperfeitas, e eles são mudos” (BENJAMIN, 2011, p.60). Os objetos são mudos porque não tem sentido sem nossa participação. As coisas não possuem nenhuma autonomia absoluta de sentido. De modo que as coisas são mudas e não falam por si só, mas só enquanto houver ser humano:

Esta caneta que escolhi para escrever, este papel no qual escrevo, não teriam esse sentido se eu não estivesse aqui pra percorrer-lhes com o olhar<sup>4</sup>.

Nessa metafísica da linguagem, o conhecimento não tem mais sua sede no sujeito empírico, mas sim na linguagem. O sujeito, então, perde a soberania que antes fazia girar em torno dele toda a corte de objetos, Agora ele é o “tradutor” que vem ao encontro das coisas que se comunicam. Não é a consciência, com suas encadeações mentais, que possibilita que o homem conheça as coisas, mas sim a linguagem, esse universo de sentido anterior. O conhecimento só se dá depois que algo é percebido em seu sentido, e esta é condição para o elemento operacional do conhecimento.

Suponhamos que, em um experimento, um físico utilize instrumentos para medir um objeto em seu laboratório. Para efetuar essa operação, nosso físico deve saber identificar os instrumentos que tem a seu dispor. Esse ato de identificação não se distingue do ato de identificar uma lâmpada sobre a mesa. Não percebemos uma camada de natureza isenta de predicados de valor. Na verdade, percebemos a realidade e ao mesmo tempo sua significação. Esse mundo imediato não pode ser perdido de vista pelo filósofo que se ocupa com as questões do conhecimento.

A relação entre a filosofia e o conhecimento empírico só é possível, neste contexto, porque se tratam de duas formas diferentes de pensar: a ciência pensa os objetos, e assim conhece o mundo empírico; a filosofia, o sentido, e assim pensa a condição de possibilidade para o operar da ciência. A relação entre filosofia e conhecimento empírico, em Benjamin, nos mostra que a linguagem é condição de possibilidade para o acesso do conhecimento científico á seus objetos. Se a ciência conhece ao experimentar objetos, a filosofia deve experimentar as possibilidades da experiência que experimenta objetos, ou seja, a linguagem. Então, se a filosofia reconhece seus limites diante da ciência é para também afirmar que o conhecimento científico só é possível mediante ao mundo significativo especulado pela filosofia.

Nesse ensaio Benjamin pretendia abrir espaço para a reflexão do caráter metafísico da linguagem. Aqui não vemos mais a metafísica como fundamentação do conhecimento, mas sim como uma busca pelos fundamentos e como uma problematização do conhecimento. O

---

<sup>4</sup> Deve ficar claro que aqui não se trata de um irracionalismo ingênuo e primitivo, de uma concepção mística de linguagem, “pois segundo esta a palavra é por definição a essência da coisa” (BENJAMIN, 2011, p.63). As coisas não possuem palavras por si só. Elas se comunicam enquanto são conhecidas e compreendidas pelo homem, na sua relação com o modo-de-ser do homem. As coisas não são animadas por uma vida secreta. Não estamos dizendo que se possa conversar com as árvores e com as estrelas, escutar os desejos secretos da lua e os sentimentos das flores, mas sim se trata da forma como o homem lida com as coisas, como o homem chega às coisas dentro de seu mundo.

termo “metafísica da linguagem” expressa a necessidade de se pensar a linguagem para além da objetivação e do naturalismo. A linguagem, para Benjamin, é metafísica porque ela quer dizer a unidade das coisas, que já sempre inclui o preceptor e as coisas percebidas.

## CONCLUSÃO

A filosofia da linguagem de Walter Benjamin tentou pensar a questão da identidade humana no mundo reduzindo a realidade do mundo humano ao mundo do sentido. Não se trata de um pensar que dispense o pensar da lógica e da ciência, para ocupar o seu lugar. Não, o que queremos é dar conta de pensar aquilo que dá o que pensar, isto é, o sentido. Buscamos o mundo vivido como uma esfera linguística (ou pré-linguística que precisa ser “traduzida”). E da nossa relação com as coisas na linguagem, disso resulta que a consciência de si não se dá a partir de uma cadeia de raciocínios de si mesmo, mas por um contato direto consigo mesmo de um ser que se reconhece imediatamente enquanto é com as outras coisas no mundo. Se tentarmos, ao tratarmos da questão da identidade humana, levantar apenas questões de ordem apenas neurocientíficas, nós obteremos respostas de um neurocientista. E então o fenômeno do que é propriamente humano, a pergunta filosófica do homem enquanto homem, nos escapará.

É claro que a consciência humana não pode existir sem o cérebro. Mas nossa consciência, por mais que dependa de nosso cérebro e de seu funcionamento físico, não se reduz a isso e não será explicado completamente por esse caminho. A neurociência não responderá todas as nossas dúvidas quando se trata dessa questão. Por mais descrições detalhadas do funcionamento de várias áreas do cérebro que ela faça, fica ainda a questão da identidade do modo de ser do ser humano, que aqui afirmamos que se dá na linguagem.

O que se descobrimos ultrapassando o mundo natural e indo na direção do mundo vivido na linguagem não é um mundo anterior tenebroso, assustador, mas é o mundo em que já vivemos. As coisas têm, no mundo humano, essa significação originária. A grande dificuldade está em que não podemos saber se o que dizemos sobre esse horizonte de sentido no qual habitamos é verdadeiro ou não. Não podemos testar a verdade ou a falsidade destes enunciados. Isso se dá, entre outras coisas, porque na metafísica não trabalhamos com o conceito de “referência”, que seria a garantia de que não nos enganamos quando falamos sobre algo. Isso leva à questão sobre a validade dos discursos metafísicos. Afinal, os bêbados e os loucos não estão tão seguros do que dizem quanto os metafísicos?

Os conceitos metafísicos, por manterem certa ambigüidade fundamental, podem ser vistos como um desserviço ao rigor filosófico e científico. E então podemos perguntar: O que nos garante que frases metafísicas têm sentido? O que nos garante que vale à pena fazê-las? O que se pode exigir, e se deve exigir, é que haja uma certa veracidade, uma certa confiabilidade, nessa “tradução” desse mundo expressivo no qual estamos jogado e vivemos<sup>5</sup>. Um discurso metafísico sobre o mundo vivido e sobre o homem neste mundo, contanto que seja convincente e sustentável, ele permite que tenhamos uma melhor compreensão da nossa existência humana, de nosso modo de ser no mundo. Ele faz surgir relações novas, abre expectativas novas. O que se devemos fazer, para justificarmos a questão posta, é mostrarmos que mesmo nas construções científicas do mundo, que pretendem construir um universo discursivo claro e coerente para se poder explicar as coisas do mundo – mesmo aí já lidamos com algo que não está explicitado. E que explicitar esse não explicitado é, sim, relevante para a filosofia. Devemos mostrar que há um universo lingüístico no qual essas tentativas de conhecimento se fundam e que devemos tratar isso de forma temática.

As coisas na metafísica sofrem de uma ambigüidade que nunca será completamente eliminada. Quando Benjamin fala da linguagem como médium do conhecimento, ele fala de algo necessariamente pressuposto, para trás do qual não se pode ir, como uma grade que não se atravessar, pois ali estão as raízes. A linguagem, como entendida por Benjamin na sua metafísica, é o elemento que possibilita que objetos sejam identificados e explorados pela racionalidade científica humana. Por isso também aqui não trabalhamos com a noção de verdade da evidência. Não temos aqui elementos externos para decidir a verdade ou a falsidade. É no nível da linguagem que temos que decidir.

O pensar científico e natural está correto. Não se trata de negá-lo. Mas sim de pensar que nós, no nosso modo de ser fundamental, estamos fora da ciência. Benjamin percebia a lâmpada sem representá-la, ele estava fora do âmbito científico; estava no mundo vivido, na linguagem. Por isso, erra a filosofia que hoje tenta lutar com as ciências da natureza por uma igualdade de direitos. Em um contexto diferente, na tradução francesa da suas Teses, Benjamin faz a seguinte observação que está ausente na versão original em alemão: “Para nós, nossa geração foi paga para saber disso, pois a única imagem que ela vai deixar é de uma geração vencida. Esse será seu legado para os que vierem” (apud Löwy, 2005, p.115). Não entenderemos muito de Walter Benjamin se não entendermos que sua filosofia é a filosofia de

---

<sup>5</sup> O perigo está, na descrição do mundo vivido humano, pela falta de critérios de referências, em impormos autoritariamente descrições falsamente racionais.

um perdedor<sup>6</sup>. De nada adianta o esforço desesperado de a filosofia tentar não “perder” para a ciência, pois ela já foi derrotada. Quem hoje faz filosofia parte de sua situação de derrotado<sup>7</sup>. Temos que assumir lucidamente, como fez Walter Benjamin, nossa condição de derrotado. A ciência possui um ritmo próprio, um inegável poder explicativo e um ainda maior sucesso prático. Ela não dificilmente se preocupa com filosofia.

A tradução do mundo vivido, como uma constante atualização do já percorrido, pretende mostrar o modo de ser fundamental do homem em seu mundo. Ela procura mostrar essa experiência primária, anterior até mesmo a toda experiência científica. Com isso não queremos dizer que se deve recusar o céu do astrônomo em razão do céu do camponês. O que dizemos cientificamente sobre o céu continua sendo importante, até mesmo para o camponês. Mas o que afirmamos é que a experiência de se conhecer um objeto cientificamente pressupõe a experiência originária no mundo vivido. De certa forma, a experiência do céu do astrônomo, de certa forma, pressupõe a experiência do céu do camponês. Aqui preservamos a atualidade das questões postas por Benjamin na sua metafísica da linguagem: protegemos para a filosofia um espaço que não simplesmente se dilui no empírico-material, mas que tem um caráter transcendental. Preservamos, assim, a dimensão filosófica da condição de possibilidade de se conhecermos objetos.

O pensar da metafísica é, então, sem objetos<sup>8</sup>, o que lhe exige uma outra forma de articulação operatória. Os conceitos metafísicos sempre se dão desde esse mundo significativo. Essa qualidade de se remeter a uma totalidade significativa faz desses conceitos de outra ordem do que os conceitos científicos. Isso quer dizer que na metafísica sempre buscamos e queremos explorar esse lugar último. Há, portanto, na metafísica, uma tendência de nos remetermos à totalidade. E então, há um elemento não-inferencial, um *a priori*, um universo de sentido, mesmo quando fazemos filosofia. E isto se refere à condição de possibilidade de falarmos de algo em filosofia e no conhecimento. É algo que sem a qual não

---

<sup>6</sup> Do dia em que apresentou sua tese de doutorado em Berna na Suíça, numa tentativa de fugir do alistamento do exército alemão durante a Primeira Grande Guerra, até o dia de seu suicídio na fronteira com a Espanha, Benjamin acumulou uma série de fracassos pessoais: sua tese de livre docência foi recusada, acabando com a possibilidade de uma carreira acadêmica; em vida apenas tinha o reconhecimento de um pequeno grupo de intelectuais, sendo boa parte de sua obra desconhecida e nem sequer publicada; seu casamento fracassou, bem como boa parte de seus relacionamentos; a Escola de Frankfurt, com a qual comumente é ainda erroneamente associado, se negava a publicar seus artigos e traduções, o que ajudou a manter a péssima situação financeira em que ele se encontrava nos seus últimos anos; sua irmã morreu nos campos de concentração nazistas e de sua cidade e de seus amigos teve de se separar; sem mencionar os demais acidentes previsíveis de quem viveu durante as duas Grandes Guerras.

<sup>7</sup> Hoje somos mais modestos na filosofia. Ao invés de definirmos a essência humana, como tantas vezes já se sonhou na filosofia, falamos modo de ser no mundo.

<sup>8</sup> O que implica que a metafísica não pode defender posições empíricas. Ao fazer isso ela se torna ideologia. Disso também resulta a dificuldade de se declarar a verdade ou a falsidade dos enunciados filosóficos.

haveria discurso filosófico, pois ele é pressuposto na articulação organizada dos enunciados com os quais trabalha um filósofo.

É um equívoco pensar que a atividade filosófica deva combater o pensar científico, porém também é um equívoco pensar que o pensar filosófico se esgota no pensar lógico. É inegável que quando um filósofo fala, ele deve dominar as regras da lógica. Mas também há algo que domina o filósofo que fala. O filósofo precisa mais do que simplesmente não se embrulhar em contradições lógicas. Ele deve ser capaz de poder ter uma visão sobre o modo de ser do homem que nas demais ciências não se é capaz de ter.

E junto com qualquer explicação filosófica desde sempre acompanha o filósofo a dimensão prévia do sentido no mundo, com o qual já trabalhamos inevitavelmente. Em qualquer coisa que pesquisemos, que falemos em filosofia, também já se estamos envolvidos pelo caráter antecipador da linguagem. Há, portanto, uma relação íntima, desenrolada na linguagem, entre os seres, entre o eu e os outros, entre o sujeito e as coisas, relação suposta também quando fazemos filosofia. A explicitação dessa relação íntima foi aqui chamada de “tradução do mundo vívido”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem*, in: *Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução: Susana Kampf. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

\_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften II*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1977.

\_\_\_\_\_. *Gesammelte Schriften VI*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1977

\_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única*. Tradução: Rubens Rodrigo Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. 5 ed. São Paulo SP: Brasiliense, 1995. (OBRAS ESCOLHIDAS, Volume II).

LOWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio; Uma Leitura das Teses “Sobre o Conceito de História”*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo SP: Boitempo, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Reginaldo di Pierro. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1971.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o Livro do Mundo: Walter Benjamin: Romantismo e Crítica Poética*. São Paulo SP: Iluminuras, 1999.

STEIN, Ernildo. *Mundo Vivido: Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia*. Porto Alegre: EDIOUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pensar é pensar a diferença: filosofia e conhecimento empírico*. Ijuí:  
Editora Unijuí, 2006.